



IMAGEM 1 Expedição à Serra de Santa Bárbara. Américo Luíz em primeiro plano.

UMA EXPERIÊNCIA GRATIFICANTE... ...NUMA COLECTIVIDADE EXEMPLAR

LUÍS CONDE PIMENTEL

“ENCONTREI” O TRILHO DOS MONTANHEIROS quando os mesmos estavam prestes a completar um quarto de século de existência. Com efeito, em Maio de 1988, tendo-me inscrito num passeio pedestre organizado pela Associação, que culminaria com a subida ao Pico Alto e, desde então, estive ligado à colectividade até Outubro de 1995, colaborando com a mesma quase a tempo inteiro, embora, por vontade própria, nunca tivesse pertencido aos respectivos corpos gerentes. No mês seguinte, novo passeio, desta feita com a ascensão da Serra do Morião (vulgo “costaneira”), onde aconteceu por casualidade, no cimo da serra, um encontro que se viria a revelar de extrema importância para o futuro de “Os Montanheiros”: de facto, caminhando sozinho pela serra, deparámos com uma figura que conhece as matas terceirenses como ninguém e que se juntou a nós, ligando-se desde então à colectividade e, estou certo, nunca a abandonará. Refiro-me ao José Maria Botelho, extraordinário conhecedor da toponímia do sertão (e não só) da ilha Terceira: a ele se deve, entre muitas outras actividades, a feitura dos mapas em relevo existentes no Museu Machado Fagundes.

Seguiu-se um passeio até ao Ilhéu das Cabras, no final de Julho, com a respectiva ascensão e, em Agosto, a subida à Montanha do Pico, com pernoita e descida após o nascer-do-sol: para o efeito fretou-se o hoje inexistente “Espírito Santo”, entre a tarde de sexta-feira e a de domingo, dias 18 e 20 respectivamente, por 180 contos, pagando os excursionistas 135 e a DRAC subsidiando com 45.

Após estes primeiros contactos com “Os Montanheiros”, não foi muito difícil aperceber-me de que a Sociedade ansiava por angariar novos elementos que, de alguma forma, dinamizassem as actividades prosseguidas pela colectividade, já que à época eram poucos os respectivos membros activos, resumindo-se praticamente aos corpos gerentes, em pequeno número.

E assim, 14 anos após ter regressado do sertão de Angola, onde, comandando trinta homens, calcorreei milhares de quilómetros (centro-leste), durante dois longos anos, abrangendo a minha área operacional território que corresponderia, pelo menos, ao conjunto de todas as ilhas açorianas, mar incluído, estava longe de imaginar que, aos 40, voltaria às caminhadas, embora em tom de passeio e não de risco maior. “Jurara”, quando terminei a minha comissão militar, que nunca mais andaria a pé. Todavia, ainda bem que quebrei essa jura, pois o tempo que estive ligado a “Os Montanheiros” permitiu que, fisiologicamente, conseguisse manter o peso ideal, para além de quão gratificante se revelaria a experiência.

Quando “Os Montanheiros” nasceram era eu um adolescente do Liceu Nacional de Angra do Heroísmo, a que se seguiu ida para continuação dos estudos em Lisboa, depois o serviço militar e finalmente o regresso à Terceira, pouco tempo depois do sismo de 80, e a ligação contratual à Direcção Regional dos Assuntos Culturais. Não tive assim oportunidade de sequer saber da existência de “Os Montanheiros”. Aliás, nunca até 1988 andei pelo interior sertanejo da ilha Terceira, e a única gruta onde até então entrara foi a majestosa “Furna

do Enxofre”, na instrução primária que tive na minha ilha natal.

Com os primeiros contactos com tive com “Os Montanheiros”, fiquei a par da sua história e de quanto fizeram (e fazem) em prol do conhecimento das belezas naturais dos Açores, designadamente as subterrâneas.

Se pretendermos analisar o que foi esta Sociedade de Exploração Espeleológica ao longo do seu meio século de existência, e é este um dos objectivos deste número especial do “Pingo de Lava”, temos que considerar os vários ciclos da sua vida.

Desde logo, referenciar um período heróico, que vai desde a respectiva criação até mais ou menos 1973, ou seja, a primeira década, em que um vasto número de homens e suas famílias decidiu explorar as belezas até então escondidas da maioria da população açoriana, não apenas ao cimo da terra, como também nas suas profundezas, destacando-se particularmente o magnífico trabalho efectuado no Algar do Carvão, com a abertura de um túnel de 44 metros, apenas à força de braços, embora com aconselhamento técnico, que conduziu praticamente à base da chaminé vulcânica, trabalho completado depois com a feitura de escadaria de madeira e, pouco depois, de pedra, até à lagoa do fundo do Algar (obra completada na década seguinte). Para além destes primeiros passos, na ilha Terceira, esse grupo de homens e mulheres deslocou-se via marítima à Ilha do Pico, por mais de uma vez, onde fez a exploração de várias cavidades vulcânicas, avultando aquela que considero o mais belo exemplar existente nos Açores, e, daí, o respectivo nome: Gruta do Montanheiro,



IMAGEM 2 Expedição à Serra de Santa Bárbara. Vê-se Aguiar Silva, com óculos e de perfil.

tendo sido construída uma escadaria de madeira de acesso, com vários metros de comprimento e, ainda hoje, conservada. Na foto desta página, em primeiro plano, na serra de Santa Bárbara, Américo Luís Silveira, presidente da colectividade, que emigrou na década de 70.

Uma segunda fase, que se pode considerar de consolidação dos objectivos iniciados na época heróica, e que vai até ao sismo de 80, já com o Manuel Aguiar ao leme da instituição e com outros elementos que entretanto se ligaram aos Montanheiros, avultando entre eles o “espeleólogo dos espeleólogos”, Fernando Pereira.

Abre-se depois um terceiro período, que teve como ponto negativo a destruição da Sede da Sociedade no sismo de 80, e que se prolonga até 1986/7, com a abertura da Sede, após reconstrução. Este período não foi totalmente negativo porque continuaram os trabalhos no Algar do Carvão, designadamente ao nível da electrificação do mesmo, visando a abertura ao público em geral.

A quarta fase, a partir de 1988, pode considerar-se a da retoma e expansão das actividades de “Os Montanheiros”, e na qual tive o prazer de participar e dar o meu contributo. Durante sobretudo a primeira metade da década de 90, a Sociedade prosperou e realizou inúmeros passeios pedestres e várias expedições espeleológicas, sobretudo à Ilha Montanha. Neste período, “Os Montanheiros” tinham uma excelente equipa de operacionais, abnegados e disponíveis. Filmei, com a colaboração de toda a equipa, praticamente todas as grutas da Ilha Terceira, começando pela do “Chocolate”, nos Biscoitos, em que a entrada era feita de recuo, por um orifício onde só cabia o corpo. Foi a primeira gruta em que entrei. Depois sucederam-se dezenas, talvez mais de uma centena, constando dos Arquivos da Sociedade todas as filmagens efectuadas. Durante os dois primeiros anos da década de 90, percorri, com o José Maria, (a que, por vezes, também se associou o Luís Vasconcelos), todo o interior da Ilha Terceira, no reconhecimento de trilhos antigos, que estavam obstruídos, e na procura de outros, em áreas em que apenas os cabreiros e lenhadores alguma vez terão posto os pés, designadamente o Morro Assombrado (por mim baptizado), com o seu obelisco (Vasconcelos) e Ilhas de Pedra (Zé Maria). É talvez a zona mais espectacular do sertão terceirense, com os seus inúmeros labirintos, provocados pelas águas e pelo vento. Durante esse período, tínhamos passeios pedestres de 15 em 15 dias e nos intervalos reconhecíamos os percursos.

Não me vou alongar mais sobre este período da Sociedade, pois, para o efeito, idealizei e foi posta em prática a publicação que denominei “Pingo de Lava”, e onde estão tombadas todas as actividades realizadas então. Quero apenas lembrar para além dos já referidos, outros elementos, que deram o corpo ao manifesto pelo bom nome de “Os Montanheiros”, e que já não estão entre nós: o Jorge Silva, que fez a ponte dos antigos com os novos que iam chegando, e montanheiro quase até ao seu falecimento, há um par de anos, e o malogrado João Silva. E claro, o Manuel Aguiar, o “vendaval” do Nordeste, como o apelidei e que foi o melhor “relações públicas” que a Sociedade alguma vez teve, e que me convenceu a colaborar com “Os Montanheiros”. O último “Pingo de Lava” que coordenei foi aquele em que sentidamente noticiei o seu prematuro falecimento. Depois disso, retirei-me, por não conceber a Sociedade sem aquele presidente, embora acreditasse que alguém haveria de ocupar o seu lugar

e que todos superassem a dor do seu desaparecimento. A vida é feita de ciclos e fechou-se o meu ciclo de espeleólogo amador. Diz o ditado que “ninguém é insubstituível”, mas, para mim, o Manuel Aguiar era-o. Numa das fotos podemos vê-lo, na década de 70, na serra de Santa Bárbara, convivendo com antigos elementos dos Montanheiros. Não posso também deixar de fazer uma referência a dois homens picarotos, que tanto nos ajudaram nas missões na sua ilha: o Albino Garcia e o José Maria, “nosso motorista”.

No início da década de 90, apareceu um miúdo (em idade, que não em altura) nos passeios pedestres e, mal sabia ele que, volvidos alguns anos, se tornaria no timoneiro da instituição, cargo que tem representado muito bem, quer quando foi eleito, quer nestes últimos anos de crise. Já me estou a referir à quinta fase da colectividade, que designaria de consolidação do património de “Os Montanheiros”, a qual continua, mas a que adiciono uma sexta fase, a da sociedade-empresa, com a criação de vários postos de trabalho e da diversificação das actividades dos Montanheiros, procurando atrair a juventude para práticas salutaras e de defesa dos nossos recursos naturais. Estas 5ª e 6ª fases começaram nos finais do século passado e estão perfeitamente actualizadas.

Queria referir-me, e isto é uma espécie de “recado” com destinatário, ao facto “Os Montanheiros”, ao longo da sua história, sempre se terem batido por ideais nobres e de defesa do nosso património natural, sendo incapazes de permitirem a sua degradação. Foi assim que, sempre que detectaram alguma malfetoria, dela deram conhecimento às entidades responsáveis pelo meio ambiente que nos cerca.

Meus caros Montanheiros, falta apenas concretizar um...

**...GRANDE DESAFIO: A EXPLORAÇÃO DO ALGAR DA SERRETA, DESOBS-
TRUINDO A RESPECTIVA ENTRADA E DESCENDO OS 300 (!) METROS QUE
POSSIVELMENTE CONDUZIRÃO AO NÍVEL DO MAR E (QUIÇÁ) À FENDA
EXISTENTE NA COSTA DA MESMA FREGUESIA.**

Do seu túmulo, Fouqué, o cientista francês que realizou inúmeras viagens geológicas, anseia por ver provada a sua tese, que deixou tombada em seus escritos (os quais constam dos Arquivos da Sociedade) quando, em 1873, esteve na Terceira tendo sido conduzido ao local por habitantes da Serreta, designadamente lenhadores. Os dados que Fouqué nos legou, com as respectivas coordenadas, conduziu-me, a mim e ao José Maria, à realocação do Algar, em 1994, então com a entrada obstruída. “Os Montanheiros” tentaram em vão a desobstrução, mas o denso mato envolvente apenas permitiu tentativas manuais, sem o resultado desejado.

Hoje, com a abertura de uma estrada que passa à beira do Algar, a tarefa fica mais facilitada, e os troncos de árvores e alguma terra e pedregulhos que tapam a abertura, em forma de funil, não terão mais do que quatro ou cinco metros de espessura.

Força...Montanheiros!
Parabéns pelo cinquentenário.

Luís Conde Pimentel *
Angra do Heroísmo, 01/11/2013

* O Autor recusa-se a usar o actual acordo ortográfico.